

Officina de composição  
e impressão de  
MANUEL HOMEM DE C. CHRISTO  
R. DE S. MARTINHO  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRETOR  
Manuel Homem de C. Christo  
Redacção e administração  
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 429

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

## PRINCIPIOS

Não ha duvida nenhuma que o anti-militarismo tem feito enormes progressos em França. Tamanhos que se tornou a questão capital n'aquelle paiz. Ha tres mezes que, desde o congresso socialista de Nancy, se não fala alli n'outra coisa. Desde então, o anti-militarismo tem sido o thema de todos os jornaes. Por causa d'elle se desfez o chamado *bloco parlamentar*, pois que os republicanos radicaes lançaram o anathema sobre os socialistas, por elles não repellirem aberta e francamente as doutrinas de Gustavo Hervé e, sobretudo, por não o expulsarem do seu gremio.

Ora porque não expulsaram, nem expulsam os socialistas Gustavo Hervé? Porque elle é uma grande força. Porque elle é o representante d'uma enorme corrente d'opinião publica, de tal ordem que todos os partidos da França, desde o mais clerical até ao mais radical, entrando n'este numero grande parte dos proprios socialistas, acharam preciso e urgente sahir a publico a combate-la. E' claro que tal não succederia se o anti-militarismo estivesse limitado a meia duzia de lunaticos.

N'estes casos, é interessante conhecer as razões em que se funda Hervé para a sua propaganda.

Essas razões estão condemnadas n'um livro intitulado *Leur Patrie*, que nós lêmos poucos dias depois d'elle sahir a lume em Paris e que apreciámos então desfavoravelmente no *Povo de Aveiro*, porque n'essa epocha, como hoje, achavamos que, não obstante Gustavo Hervé dizer grandes verdades, havia e ha um ponto falso na sua propaganda. Segundo Gustavo Hervé, todas as patrias valem a mesma coisa. Ora eis o erro Apezar das desigualdades e das injustiças que comporta ainda o regimen republicano em França, a patria franceza é incontestavelmente mais livre e mais progressiva que a patria allemã. O regimen republicano é, sem duvida, mais compativel com a evolução, de que sahirá o socialismo, do que o regimen monarchico. Entre o predomínio do Kaiser auctoritario e despótico e o diluido predomínio dos burguezes da terceira republica franceza não ha que hesitar. Vá que os proletarios não arrisquem a sua existencia para conquistar uma republica clerical, militarista, capitalista, falsa, mentirosa, iniqua, exploradora. Concordamos. Plenamente concordamos. Mas entre isso e não sustentar a actual republica franceza, na etapa d'evolução progressiva em que n'esta altura se encontra, apesar de deixar ainda bastante a desejar, ha muita diferença. Vencida a França pela Alemanha, destruido aquelle fóco de idéas, fóco irradiante, exemplo contagioso, facto provado do valor d'um regimen democratico, tanto mais quanto é certo não ter ainda produzido tudo quanto pôde produzir, vencida a França pela Alemanha, esmagada, por consequencia, a democracia, pois outra não seria a consequencia da derrota da França, o recuo da humanidade seria evidente.

Diz Hervé que não. A nós parece-nos firmemente que sim. Bem sabemos que a humanidade não pára e que nada a faz parar. Mas pôde demorar a sua marcha, como um homem quando vae por uma estrada e a encontra obstruida. Para destruir o obstaculo gastam-se forças e gasta-se tempo. Como se gastam forças e tempo se preferirmos, a desobstruir a estrada, saltar para o lado e atravessar montes e valles. Não, não. A evolução, já o dissemos n'um artigo anterior, não tem solução de continuidade. E' ligada, é constante. A actual republica franceza é um fructo de muitos trabalhos penosos da democracia. Conservemo-la, e d'ella passaremos mais facilmente ao regimen da egualdade economica, que se pretende.

Mas, posto isso de parte, não ha nada mais verdadeiro que o fundo da propaganda de Gustavo Hervé. E' d'ahi a grande corrente d'opinião que a partilha.

Gustavo Hervé começa por confessar que foi um exaltado patriota e que tempo houve em que daria a vida pela patria, em que se deixaria matar alegremente pela reconquista da Alsacia Lorena.

Reconhece que ha entre as nações actuaes, taes como a raça e a historia as fizeram, diferenças de caracteres e de temperamentos muito importantes.

Está convencido de que as patrias tiveram a sua razão de ser e de que a sua existencia ponde, em certas epochas e em certas circumstancias, contribuir para o aperfeiçoamento geral da nossa especie.

Comprehende perfeitamente que os revolucionarios de 89 e 93 houvessem sido patriotas e confessa que, no caso d'elles, te-lo-ia sido tambem.

Não nega a superioridade da forma politica republicana sobre a forma politica monarchica.

Patenteia o seu amor, a sua piedade filial pelo canto da terra em que nasceu e em que cresceu.

Mas a patria é uma religião. Mas essa religião, como todas ellas, é formada de mentiras, é tecida de iniquidades, é um instrumento das mais vis e das mais odiosas explorações.

Supponde um homem de intelligencia média, de instrução mediocre, mas a quem nunca hajam falado em religião. Ide-lhe dizer que a terra foi creada por Deus; que esse Deus creou a luz no primeiro dia e o sol só no segundo; que fez a primeira mulher d'uma costella do primeiro homem; que Jonathas se conservou com vida no ventre d'uma baleia; que Jesu fez parar o sol; que a virgem Maria concebeu por obra e graça do divino Espirito Santo; que Jesus resuscitou os mortos e que resuscitou elle proprio ao terceiro dia depois da sua morte. E' claro que o homem responde com uma gargalhada, ou fica imaginando que está falando com um doido.

Mas educae o mesmo homem religiosamente desde o berço. Que sua mãe lhe reze orações, lhe cante a ladainha e o terço, lhe fale da Virgem Santa e do menino Jesus, das alegrias do céu e das chamas do inferno; e que lhe fale n'isso cem vezes, mil vezes, um milhão

de vezes. Que o entregue aos sete annos,—na idade da razão, segundo a Igreja—às mãos do padre; e que o padre lhe incute no espirito, como verdades reveladas, todas as patranhas da Biblia, todas as grosseiras invenções d'uma humanidade ignorante e credula.

Depois, amadurecei tudo isso com as ceremonias theatraes nas naves escuras que excitam a imaginação e provocam o extasis; com o perfume do incenso, com a musica do órgão, com os trajos apparatusos dos ministros de Deus.

O que succederá? Succederá que se influencias contrarias não vierem a tempo reagir contra essa abdicção de toda a sua individualidade, contra esse envenenamento do cerebro e dos sentidos, o paciente ficará perdido para sempre.

Pois o mesmo succede com o patriota. Mal a creança sabe andar, dão-lhe de presente soldados de chumbo, canhões, fortes de cartão, tambores, cornetas, espingardas, capacetes e uma espada maior do que elle. A' meza, ouve os velhos militares evocar as lembranças das suas campanhas. Ouve o pae exaltar as glorias da patria. Ouve toda a gente amaldiçoar os roubos, as violações, os assassinatos cometidos pelos exercitos inimigos. Porque é claro que só os exercitos inimigos praticam atrocidades e infamias. Os exercitos nacionaes só praticam façanhas levantadas, actos generosos. E, assim, antes mesmo d'entrar na escola, onde o mestre irá completar, como o padre na religião, o trabalho da familia, está a creança cheia d'odio pelo estrangeiro, de vaidade nacional, de idolatria pelo sabre, de adoração pela patria. Está feito o patriota.

Para quê?

Para servir de instrumento ao rico, ao poderoso, ás classes dominantes.

Para os dirigentes as chamadas profissões liberaes, mais commodas, mais consideradas, mais agradaveis e mais remuneradas; para elles, na agricultura, no commercio e na industria, o trabalho de direcção ou de vigilancia, que lisongeia a vaidade, que permite certos ocios, que por vezes conduz até á riqueza, até ao luxo e quasi sempre até ao bem estar; para elles, o direito de viver das suas rendas, de pae para filho, sem trabalhar, sem mesmo diminuir os seus capitales se o dinheiro é collocado em empresas lucrativas; para elles os gozos intellectuaes, os gozos das letras e das artes; para elles, em fim, as bellas relações que lhes permitem salvar-se, se se veem em assados, dos proprios rigores da lei penal.

Para os pobres, para a multidão dos funcionarios subalternos, dos pequenos commerciantes sem credito, dos agricultores sem capitales, de todos aquelles que não são proprietarios, para os creados e creadas de servir, a ignorancia, os trabalhos custosos ou immundos, as profissões perigosas ou doentias, as longas tarefas que fazem aborrecer o trabalho impellindo os homens para a taberna e as mulheres para sitios ainda peiores; para esses, os salarios de fome ou lucros irrisorios, a incerteza do dia de amanhã, os rigores da lei á menor falta, e, se vem a doença, a velhice ou a falta de trabalho, as privações e a miseria negra com, sobretudo para as mulheres, o seu cortejo de tristezas e vergonhas.

Uma patria, exclama Gustavo Hervé, é isto! E', continua, esta monstruosa desigualdade social, esta vergonhosa exploração d'uma nação por uma classe privilegiada.

Todas as patrias tem um caracter commum; todas, sem excepção. Todas, a patria franceza como as outras, são compostas de duas classes: uma minoria de privilegiados e uma maioria de párias.

O numero dos privilegiados, como o modo de exploração, pôde variar d'um seculo para o outro; mas em todos os tempos e em todos os paizes uma minoria viveu á custa d'uma maioria que vegetava no soffrimento e na ignorancia.

Que em cada paiz os ricos sejam patriotas, nada mais natural e mais logico. Que, na occasião, se batam e se façam matar pela sua patria não causará a ninguém a menor admiração. Mas foram elles sempre, exactamente, os que conseguiram livrar-se do imposto de sangue.

A patria faz tudo pelos ricos. Assegura-lhes a todos a instrução, o ocio, as commodidades, o bem estar, o luxo mesmo. Seriam monstros d'ingratidão se a não amassem. Mas o que confunde a intelligencia é que, em todos os paizes, os famintos, os miseraveis, os desherdados, as bestas de carga que arrebentam de trabalho, mal alimentados, mal alojados, mal vestidos, mal instruidos, e que são as tres quartas partes dos habitantes de cada patria, o que confunde a intelligencia é que são esses os primeiros a marchar, como um só homem, para a guerra, seja qual for a causa que a motivar. Para morrer, em defeza ou proveito dos seus carrascos!

No mez de julho de 1870, milhões de camponezes e de operarios allemães trabalhavam em paz. Muitos d'elles nem sabiam que havia um paiz que se chamava a França!

Outras bestas de carga suavam e penavam em França, da mesma forma ignorando muitos d'elles que havia um paiz que se chamava a Alemanha.

De repente, parte de Paris e de Berlin uma ordem de mobilisação. A' noticia de que a patria allemã era atacada, o povo allemão levanta-se como um só homem. A' noticia de que o embaixador francez na Alemanha tinha sido insultado, o povo francez, sem que mesmo o governo tenha necessidade de apresentar a prova d'esse pretendido insulto, levanta-se como um só homem. Arrojam-se um contra o outro como animaes ferozes. Trezentos mil homens são espatifados, estripados. E, depois da sangria, os dois rebanhos retomam o jugo d'um e do outro lado do Rheno, obrigados a continuar penando, vencedores e vencidos, para reparar as ruinas da guerra e preparar matanças futuras.

E' esta, e é a mesma em toda a terra, a loucura patriótica. Se perguntasseis, ha um anno, a muitos camponezes e operarios do Japão, que a aristocracia japoneza mantem sob o seu jugo, o que era a Russia, o que era a Mandchuria, olhar-vos-iam espantados, com olhos de quem ouvia esses nomes pela primeira vez. Se perguntasseis á grande massa dos mujicks russos, que a autocracia vergasta até lie-arrancar a pelle, o que era o Japão e a Mandchuria responder vos iam: «Nunca ouvimos falar n'isso!»

Mas chega a ordem de mobilisação. E eis que todos elles deixam as suas mulheres e os seus filhos. Eis que toda essa carne de canhão é amontoada, é empilhada em navios e em wagons. Em marcha para a Mandchuria, onde se precipitam uns contra os outros com a furia e o encarniçamento que se sabe.

Pois ha maior attentado, maior estupidez, maior loucura? Assim se exprime Hervé, e com razão.

Em Portugal nenhum rico vae para soldado. Nenhum! Nem nenhum rico, nem nenhum remediado. Os mesmos pobres que não chegam a indigentes resgatam por cinquenta mil réis, ao fim de seis mezes, o imposto de sangue. Nenhum dos que ficam tem a menor commodidade nos quartéis, onde são tratados muito peor que os cavallos. Nenhum d'elles sabe o que são vatuas, cuamatás, landíns ou landocas. Mas lá vão, lá vão, muitas vezes para castigar outros desgraçados victimas das maiores explorações, contra as quaes se revoltam n'um momento de desespero, outras vezes simplesmente para arranjar louros para a cabeça dos heroes. Lá vão matar e lá vão morrer ou arruinar-se. Em nome da patria! D'essa patria onde os ricos não vão para soldado! D'essa patria que, por cinquenta mil réis, que vão ser gastos em orgias, dá, a quem o quer, o direito de não morrer por ella! D'essa patria que os deixa, aos miseraveis que não tem cinquenta mil réis para se remir, vegetar no mais profundo abandono, e onde os mais honrados Messias da regeneração nacional, os mais honrados! lhe promettem, a rir, um bocadinho de justiça para o fim da vida d'um novo Mathusalem que, para a desgraça ser maior, nem sequer nasceu ainda!

Como não havia de ser enorme a corrente que se forma atraz de Gustavo Hervé, se Gustavo Hervé tem carradas de razão? Quem pôde manietar a razão? Quem pôde encarcerar a verdade? Nunca foi possivel, em tempo algum. Nunca o ha de ser. Amor com amor se paga. Só ha uma maneira de fazer emmudecer o odio: é amar. Só ha uma maneira de tapar a bocca aos opprimidos: é deixar de commetter iniquidades.

Defendamos a patria. Amemos a patria. Ninguém é mais partidario da patria do que nós. Mas, hoje como sempre, entendemos que só ha uma maneira de tornar a patria uma coisa séria e respeitada: é elevar o povo, economica, moral e intellectualmente; é dar-lhe pão, instrução, educação. Nunca quizemos a patria dividida em escravos e senhores. Em explorados e exploradores. Se tem de ser assim, se só no fim da vida de Mathusalem deixará, um pouco porquê Camacho fala em *muito mais do* que a vida de Mathusalem—de ser assim, então o desforço de Gustavo Hervé é mais do que tm direito. E' um dever imperioso.

Assim pensa muita gente em França e pensa bem.

**Docente**

Tem passado incommodado de sante, o sr. Antonio Maria Ferreira, que ha pouco regressou d'Espinho.

Este nosso amigo tensiona seguir brevemente para a sua casa de Lieben.

**PARA... FRANCEZ VÊR!**

Da impostura do duello é que se não pôde dizer em Portugal, como se diz de todas as outras imposturas, *para inglez vêr*. Não. D'essa só se poderá dizer... *para francez vêr*.

Max O'Rell, no seu livro interessante *John Bull et Son Ile*, escreve:

«O inglez acha eminentemente ridiculo o homem que, depois de ter sido insultado, se faz administrar, como reparação ou como compensação, seis pollegadas de ferro na barriga. Na classe baixa, um insulto paga-se á vista com um murro como só John Bull os sabe dar. Nas classes elevadas paga-se com indemnisação nos tribunaes. Os nossos grandes duellistas de França seriam na Inglaterra tristes heroes de correccional.»

Isto, tendo sido o duello praticado em Inglaterra como em nenhum outro paiz do mundo. Durante o reinado de Jorge III, de 1760 a 1820, realisaram-se n'aquelle paiz 172 duellos, *todos elles de consequencias sérias*, mas sobretudo 91, que dêram em resultado, cada um d'elles, a morte d'um dos contendores. Mais de cinquenta por cento de mortalidade em duello, não contando os graves ferimentos que resultaram dos restantes, é tudo quanto ha de mais sério. Pois hoje não só não ha um unico duello, n'esse paiz tradicional do duello, como todos os inglezes se riem da mania do duello nos paizes estrangeiros.

Quer dizer, a Inglaterra tem tanto de sensata como Portugal tem de ridiculo. Na Inglaterra, onde o duello tinha tradições, e onde era uma coisa séria, poz-se um dia completamente de parte o duello por se reconhecer que essa coisa séria não passava, afinal, d'uma coisa estúpida. Em Portugal, onde o duello não tem tradições nenhuma, onde é uma coisa verdadeiramente comica, pois *nunca* resultam d'elle consequencias sérias, e assim se pôde dizer desde que no praso de cem annos só se lhe encontra uma consequencia fatal, em Portugal pratica-se o duello e os seus maiores apologistas são exactamente os tartufos que se dizem democratas.

E' claro: pratica-se precisamente por ser inoffensivo, por ser ridiculo, por ser comico.

Não se pôde, pois, dizer que é... *para inglez vêr*. Quando muito dir-se-hia que era... *para francez vêr*. E assim mesmo porque em França se vae já tambem tornando *le plus ridicule lambeau des vieilles mœurs*, para empregarmos agora as palavras de Tarde.

Tambem é curioso isso. O duello vem passando em França de ser *le plus sanglant* a ser *le plus ridicule lambeau des vieilles mœurs*. Ha muito, todos o sabem, que declina n'aquelle paiz. Pois era exactamente quando declinava em França que augmentava em Portugal. O duello generalizou-se em Portugal, todos o sabem tambem, durante o reinado do sr. D. Carlos. Bastou a rica magestade ser partidaria do duello para que passassem a cultivar o duello as creaturas do *bom tom*. E bastou ser *bom tom* ser *duellista* para que os tartufos que em Portugal estão á frente do republicanismo não desmen-

tissem a sua falta absoluta de principios democraticos, de sinceridade, e de juizo, tornando-se, como os cortezaos da rica magestade... *duellistas*.

Que, não obstante o duello ser em França *le plus ridicule lambeau des vieilles mœurs*, ainda dá por lá uma mortalidade de 1 a 2 por cento. Que nome se lhe ha de dar então em Portugal?

Tarde, no seu livro *Études Penales et Sociales*, demonstra que o duello cresce com o assassinato. Quanto mais assassinatos, mais duellos. E uns e outros, ainda segundo a opinião de Tarde, coincidem, n'esse seu desenvolvimento, com todas as epochas de perturbação social. Ora, na verdade, o reinado do sr. D. Carlos tem sido um verdadeiro reinado de perturbação social. E n'este reinado teem crescido notavelmente os assassinatos e os duellos. Os assassinatos, os duellos e todos os crimes. Notavelmente. Mas—ainda para cumulo de ridiculo dos duellistas—as espadas, ao pé das navalhas, são de canna. Os duellistas são batidos pelos fadistas. Ou os duellistas se resolvem a rivalisar com os fadistas ou recolhem a espada ao bucho, que é a unica maneira airosa de se salvarem... a honra da corporação.

Ou bem que se é, ou bem que se não é. Quando se ataca um homem com uma espada, é para o rachar, é para o furar. Ou não se péga na espada.

Assim era o duello antigamente. Uma bestialidade. Mas, dentro da bestialidade, coherente, e logico. Hoje é um absurdo. E alem d'um absurdo, uma farça.

Tarde, respondendo aos que procuram justificar o duello com as luctas dos animaes, responde que pôde ser natural um homem dar um murro n'outro quando o outro o offende ou prejudica, e no momento da offensa ou do prejuizo. Mas... *il ne l'est pas de se contenir sur le moment, d'aller chercher des seconds, de consentir à se battre au pistolet ou à l'épée, quand on ignore le maniere de ces armes, avec un adversaire qui y est passé maître; et, assurément, il n'est pas de combat de bêtes qui ressemble à la rencontre de deux gentilshommes français du XVIII siècle se faisant des politesses sur le terrain avant de s'entre-tuer.*

Tem razão. Mas que diria se conhecesse os duellos em Portugal!

Aqui não se limitam a *conter-se*. Não se limitam a *mandar os segundos*. Discutem depois muito minuciosamente quem foi o primeiro que atirou a pedra! Foi este ou foi aquelle? Foi este, dizem dois. Foi aquelle, dizem outros dois. E como não ha solução possivel quando dois dizem preto e outros dois dizem branco... tudo como dantes quartel general em Abrates.

Fica salva... a valentia e a honra!

Decididamente, a distinguir entre honra e valentia de facinoras ninguem dirá, em boa razão, que os homens que se batem á navalha, no chão humido das tabernas ou dos prostibulos, não estejam acima dos homens que no campo da honra, se batem á pistola ou á espada.

Digam o que disserem, que a verdade é uma só. E a verdade é esta.

**Não se comprehende**

Não nos dirão a que proposito concorreu a chamada *Associação Commercial*, com uma importancia qualquer de volta com a camara municipal, para ajuda d'um premio aos concorrentes do *duplo raid*, promovido pelo *Seculo*?

Na questão dos tabacos nem pecuniariamente nem moralmente concorreu. Com os cavallos foi tudo!

**Cartas de Lisboa**

25 DE OUTUBRO.

Tinhamos nós ficado em voltar a falar novamente da Alemanha. Mas parece-nos melhor deixar isso para um artigo especial, onde, mais propriamente do que n'estas cartas de Lisboa, destinadas sobretudo a falar de Lisboa, ou do que se passa em Lisboa, ou do que tem echo em Lisboa, poderá ser tratado esse assumpto. Entretanto tem o amigo em varias revistas e jornaes, no *Correspondant*, no *Monde Moderne*, na *Revue*, no *Figaro*, fontes de muito boa informação. Nada mais poderiamos fazer, nada mais faremos, quando o fizermos, que resumir o muito que está dicto n'essas e n'outras publicações. São sobretudo interessantes as cartas de Julio Huret no *Figaro*, já colleccionadas em volume, e os artigos de Reybel na *Revue*. Estes, como, sob o ponto de vista militar, a curiosa brochura..... são um poucoquinho apaixonados. Nem por isso, no fundo, menos verdadeiros.

Bem vê o amigo que não é possível o *Povo de Aveiro* abraçar o céo com as mãos. O nosso ideal seria falar sobre todos os assumptos que estão na ordem do dia, que nacionaes quer estrangeiros, que despertam a curiosidade publica, que instruem, que educam, ou que, para moralisar, para instruir, para educar, é preciso commentar. N'um semanario, e, de mais a mais, de formato pequeno como o *Povo de Aveiro*, é impossivel. Inteiramente impossivel. Temos de preterir por uns assumptos outros assumptos.

Deixemos pois hoje a Alemanha, da qual, no emtanto, falaremos detidamente, n'um artigo especial, em qualquer numero proximo, e digamos qualquer coisa sobre Portugal.

O que existe? O que se passa? O que se trama? Não se sabe. E quando dizemos o que se trama não nos referimos só aos *tramas* da opposição. Referimo-nos, principalmente, aos *tramas* do poder. Ha dezeseite annos, desde o ultimatum, que a opposição diz que *trama*, que a opposição promete *tramas* em Portugal. E nós não temos visto senão os *tramas*, e que temerosos *tramas*, do poder!

Ha dezeseite annos que se diz que se conspira em Portugal. A' bocca cheia! E só uma conspiração verdadeira! Afinal, se tem patenteado, se tem levado a effeito, se tem realisado: a conspiração constante contra as nossas liberdades, contra as nossas franquias, contra a nossa fazenda e contra a nossa dignidade.

A' bocca cheia! Ainda no domingo Bernardino Machado, na Sociedade Promotora d'Educação Popular, dava como certa a republica no praso de dois annos, segundo um extracto da parlenda do illustre cidadão que a *Lucta* publicou.

«Ha tempos, compellido pelas insistencias d'um jornalista estrangeiro, disse que a Republica seria implantada em Portugal dentro de dois annos. E' certo. e hoje não tem duvida em confirmar essa sua afirmação.»

Assim dizia o grande homem, ou, pelo menos, assim o disse a *Lucta* pondo essas palavras na bocca do grande cidadão. E que a *Lucta* não errou demonstra-se com o facto de ninguem a ter desmentido ou obrigado a rectificar as suas afirmações.

Toda a parlenda do grande cidadão foi uma continua ameaça ao poder, um annuncio repetido de proxima revolução, uma promessa cathogorica de republica a breve praso, uma afirmação positiva de que se conspira, de que se trama, de que se prepara *alguma coisa*. Eu diria que nunca vi nada de mais imbecil se não tivesse visto sempre a mesma coisa no partido republicano.

«E' indispensavel que os portugueses nunca esqueçam a noite de 18 de junho, em que o povo de Lisboa se mostrou dotado de uma coragem heroica. Mas se se repetir tal accção, é indispensavel que o resultado seja decisivo para a nossa causa.»

E' preciso que se saiba que contamos com elementos para responder ás forças dissolventes da monarchia.»

E assim em toda a parlenda. Em toda ella. Cheia de afirmações significativas. Dizendo muito e deixando claramente perceber muito mais. Para terminar com a **certeza** de que teremos a republica dentro de dois annos.

Repito: eu diria que nunca vi nada de mais imbecil se não tivesse visto sempre a mesma coisa no partido republicano. Isto é, ainda assim, nunca vi tanto. Vi muitas vezes fazer d'aquellas afirmações asnatias. Ouvi muitas vezes dizer baboseiras eguaes ou semelhantes. Mas, diga-se a verdade, nunca vi um chefe republicano confessar em publico que se *conspirava*, nem lhe ouvi tomar o compromisso, publico tambem, de fazer a Republica em praso certo. Nunca, diga-se a verdade. Vi-o, ouvi-o em muito idiota, de alguma cathogoria, mas nunca n'um chefe consagrado. Para isso era preciso que apparecesse esta figura que se chama Bernardino Machado. Que de dia para dia se vem revelando mais caricata. Sim, mais caricata. Não é já, sómente, idiota. E' caricata. Chefes idiotas não teem faltado ao partido republicano. Mas,—logar á justiça, homenagem á verdade,—ainda não tinha tido nenhum chefe caricato. Nenhum. Surgiu agora. E' o *Calcinhas*, ou, em hespanhol, *El Gran Bernardino Machado*!

A Republica pôde, na verdade, surgir amanhã. Pôde, na verdade, ser um facto dentro de dois annos. Mas tambem pôde não o ser, e é até muito provavel que o não seja. Qual seria o homem de juizo capaz de fazer afirmações cathogoricas a esse respeito? Positivamente, para se fazer uma afirmação d'essas é preciso que se seja idiota. Idiota, só idiota, e mais nada.

Qual seria o homem de juizo capaz de annunciar publicamente uma conspiração e sendo um dos chefes presumiveis dos conspiradores?

Só um idiota! Só um idiota!

A prova provada de que a monarchia existirá por longos annos está precisamente na existencia... dos Bernardinos Machados. Emquanto o partido republicano tiver a dirigi-lo e commanda-lo idiotas de tal ordem pôde a monarchia, por maiores que sejam os seus crimes, dormir descançada.

Uma revolução é uma *pandega*, que se decreta para tal dia como se decreta uma patuscada. E' uma obra de alfayate, de sapateiro ou de carpinteiro, que pôde estar concluida no fim de quinze dias, d'um mez, ou d'um anno.

Vae-se fazer o predio e calcula-se que estará prompto dentro de dois annos. E' certo! Bernardino ainda disse aquillo duvidoso\* ao jornalista estrangeiro. Mas depois chamou os architectos, os mestres, os capatazes, consultou-os, ouviu os, e todas as duvidas cessaram. Provavelmente tambem chamou um *medium*. Consta-me que ha d'essa coisa no moderno partido republi-

cano portuguez. No meu tempo era grande a idiotia e a intrujice. Mas não se tinha chegado a tanto. *Le mediums* a consultar *esprits* e a misturar *esprits* com politica não havia. *Mecos* não faltavam. E que *mecos*! Mas *médios* não havia.

Bernardino, pois, tinha duvidas. Mas depois da consulta aos augures, aos médios, aos capatazes da revolução, todas as duvidas cessaram. E ei-lo a dar como certa a Republica... antes de dois annos!

Não ha tempestade, não ha raio, não ha diabo do inferno capaz de destruir a obra que aquelle Vice-Supremo Architecto do Universo sábiamente architectou. Não ha nada que possa desfazer os seus calculos. Delineou, calculou. A execução ha de ser infalivel como tudo quanto elle... tem delineado e calculado até hoje.

Assim o annuncia ás hostes espantadas!

E como havia de ser d'outra forma? Como se explicaria d'outro modo o beija-mão da Travessa do Pinheiro? Ninguem deixou de ser promovido em breve praso depois de ter tirado. Bernardino tirocinou para rei. Deu provas praticas e theoreticas no celebre dia das medalhas. Será rei antes de dois annos!

Elle até já exalta o analfabetismo. Muito coherentemente, não ha duvida nenhuma. Pois já houve algum rei que se desse mal com os analfabetos?

«Fomos um paiz de conquistadores, de navegadores, e n'esse tempo o analfabetismo era muito maior.»

Adeus, adeus, pedagogo! Adeus, adeus, pedagogia! Outros tempos, outros ventos! Outros ares, outros cantares! Agora fala sua magestade Bernardino I! Os ares agora são de realza! Os cantares agora são de rei! Pois então que mal fazem os analfabetos, se os analfabetos já descobriam e já conquistaram o mundo? Era o que dizia o rei, era o que diziam todos os brutos, e todos os reaccionarios d'esta terra, no tempo em que Bernardino... ainda não pensava em ser rei. E então Bernardino objectava, ou devia objectar: «Sim, mas n'esse tempo nós eramos o povo mais culto da Europa. O que nos mata hoje não é propriamente o analfabetismo. E' a inferioridade, em relação aos outros povos, em que esse analfabetismo nos colloca. E' isso. Só isso. Dantes, não. Dantes eramos analfabetos, sim, mas tão analfabetos como nós eram todos os povos da Europa. Dantes eramos incultos, sim, mas mais incultos do que nós eram os outros povos da Europa. Tinhamos uma classe dirigente instruida como não havia outra na Europa. E o povo, se não tinha a instrução das lettras, tinha a instrução que derivava das viagens, das descobertas, das conquistas, que lhe equivalia.»

Assim objectava, assim devia objectar o Bernardino. Mas elle hoje é rei! Mas elle hoje annuncia-se publicamente como chefe de *tramas*, como campeão armado, como general! Elle hoje não quer lettrados. Elle hoje quer soldados! Elle hoje não é pedagogo. Elle hoje é Carlos Magno!

Ah, que paiz de parvos! Não é de doidos. Ha doidos muito intelligentes. De parvos! De parvos! Que paiz de parvos!

Agora annuncia-se solemnemente a abertura das camaras em dois de janeiro. O sr. Julio de Vilhena iniciou a sua vida de chefe de partido por um acto realmente sympathico. Não sendo rico, segundo consta, pediu, no emtanto, a sua demissão de governador do Banco de Portugal, cargo que lhe rendia tres contos de réis annuaes. Lembrando-nos do vergonhoso espectáculo que dêram os republicanos exaltando o Bernardino pela *abnegação* de que deu provas sacrificando o seu logar de lente da Universidade, não podemos deixar de registrar a modestia e a simplicidade com que Julio de Vilhena, sem o menor alarde, praticou um acto de muito maior abnegação que o acto de Bernardino Machado. Mais uma vez os monarchicos dêram lições de simplicidade aos republicanos.

Iniciou, pois, o sr. Julio de Vilhena a sua nova vida com um acto intelligente. Mas devemos dizer que co-

SEMANA LISBOETA

A' hora em escrevemos ainda é presidente do conselho o auctor da lei de 13 de fevereiro. Sentidos pezames aos homens de coração.

JULIO DE VILHENA

Logo que foi eleito chefe do partido regenerado, o sr. Julio de Vilhena pediu a sua demissão do cargo de governador do Banco de Portugal.

Folgamos com este acto que indica honestidade. Mas, para que o partido republicano não possa ser accusado de injustiça flagrante, exigimos para o sr. Julio de Vilhena uma apoteose colossal, que deixe a um canto a manifestação ao sr. Bernardino, em proporção com a diferença que ha entre a monumental abnegação do sr. Bernardino que, sendo rico, se demittiu de lente da Universidade, lugar que lhe dava um conto e tal, e o acto do sr. Julio de Vilhena que, sendo pobre, se demittiu de governador do Banco de Portugal que lhe rendia mais de 3 contos.

Ahi! demócratas. Em nome da justiça!

D. AMELIA

Diz-se que parte no dia 7 de novembro para Londres a senhora D. Amelia d'Orleans, nossa muito amada rainha, querida do nosso muito amado rei e queridissima de toda a respeitavel clericalha nacional.

Em boa hora se afaste. E' pena que não se demore por lá muito tempo!

A GALA DO DIA 2

Desde que o sr. Julio de Vilhena decretou no Popular que o proximo dia 2 de janeiro seria dia de gala nacional a Arcada anda ás voltas com a decifração do enigma pittoresco, que pelos modos, se encerra n'aquelle decreto do novo Pacheco que a morte do Hintze atirou para a circulação constitucional.

Uns dam-no com o rei na barriga e declaram que a decifração é esta: o poder moderador atrá uma casca de laranja, um dia d'estes, para debaixo dos pés do dictador, manda um moço ali da esquina dizer ao sr. Vilhena que póde vir encher o barril ao chafariz d'El-Rei, o sr. Vilhena vem e acto continuo despeja o seu barril de normalidade, convocando os collegios eleitoraes e abrindo legalmente o parlamento n'aquelle dia fatidico. Outros, dando-o em segretos accordos com o chefe do governo, mostram a charada, declarando que o dictador convocará o corpo eleitoral, fará as eleições, que as perderá e que, cahindo em face da urna, entregará a pasta do reino ao sr. Vilhena.

Outros ainda—os mais lidos na Historia Popular da Revolução Franceza—fazem as coisas com mais farfalhões jacobinas: o novo chefe regenerador, assim como decretou a gala para o dia dois, decretará para qualquer dia a reunião dos eleitores, os eleitores decretarão, pelo suffragio, os nomes dos seus eleitos e os eleitos, decretarão a queda do regimen depois de terem reunido no Jogo da pella, que para o caso tanto póde ser no Largo de D. Carlos, como no centro Regenerador como nas adegas progressistas de Anadia.

Para esta ultima solução, alem dos costumes de sans coulote que já estão encomendados ao guarda-roupa d'um dos theatros parisienses que poz outro dia em scena uma peça da época, conta-se, na Arcada, como coisa certa, que o partido republicano tomará parte na récita, encarregando-se das massas coraes e da comparsaria—para o que já no Mundo appareceram os primeiros annuncios pedindo-se coristas e já, nos archivos republicanos, se andam espanejando os velhos discursos da colligação liberal.

VIVA EL-REI

Parece certo que, na liquidação dos adiantamentos o governo pagou o yacht Amelia pela segunda vez. O yacht Amelia é o barco de recreio onde Sua Magestade faz as suas conhecidas experiencias scientificas, dorme regaladamente o seu somno, etc., etc. Pois, segundo consta, é a segunda vez que o país paga este pequeno brinquito de Sua Magestade Fidelissima.

Anda, Zé Povo, canta agora: Real, real, real, por D. Carlos I, rei de Portugal!

OS MASCARAS DE BRICHE

André Brum, ha dias nas Novidades fazia reportagem litteraria—genero novo na imprensa portugueza em que a reportagem é feita sem grammatica—sobre os mascarás de briche—os reclamos da Penitenciaría.

Depois de ter entrevistado um cavallo e um palhaço, André Brum, que quer abrir caminho no jornalismo, dizia coisas sobre o regimen penitenciario, para armar á sensibilidade do burguez. E apellava para os espiritos livres da nossa terra para se abrir campanha contra aquella ignominia da pena de morte em chinellos d'ourello, hypocrita, como cheia de requintes de perversidade e de infamia.

Mas os espiritos livres da nossa terra não ouviram nem ouvirão os apellos de André Brum, porque lhes é absolutamente indifferente que ali acima n'aquelle casarão rendilhado em caixa de amendoas no lapso da cidade, fechando o horizonte da Avenida da Liberdade, se estejam matando a fogo lento, se estejam enlouquecendo a banho-Maria os pobres diabos que tendo cahido na rêde dos codigos perderam, por isso mesmo, direito a que os espiritos livres da nossa terra se interessem por elles ou pelas suas torturas...

Era o que faltava que a gente limpa, gente honesta, gente decente, alterasse os seus habitos, atrazasse as suas digestões porque ali em cima na Penitenciaría ha homens que soffrem, ha espiritos que endoidecem...

Bem feito!... Ainda é pouco!... Que um jornalista, em busca de evidencia, faça estylo á custa d'elles ainda se comprehende. E' mais um lucro que a humanidade tira d'elles—alem das botas, dos trastes, das encadernações em cujo fabrico os empregam de sol a sol para engordar contra-mestres e arrematantes.

Mas que os espiritos livres se insurjam, não faltava mais nada: os espiritos livres em Portugal, são livres, porque estão livres de ir acabar os seus dias á Penitencia—todos elles sabem como se rouba, como se assassina, como se desflora, á sombra dos codigos e do respeito publico...

Porque se o não soubessem... era lá, era n'aquelle cazarão soturno em estylo caixa d'amendoas, que estariam, como na soirée da cidade de Cascaes, os grandes nomes do armario, da finança, da politica, da industria, da burocracia e das letras—os espiritos livres da nossa terra para quem André Brum apella só para dar nas vistas, porque deve estar convencido de que ninguem o ouvirá, se não é tolo—o que, de resto, lhe virá a acontecer se se demora muito no jornalismo.

EXPLORADORES

A Russia vai ter uma nova constituição. A primeira Duma foi dissolvido do modo mais arbitrario e violento. A que vai funcionar agora e que ha de votar a nova constituição foi feita pelo governo russo como mais apeteceu á sua augusta vontade. Fará tudo quanto elle quizer. Assim se engana aquella grande povo! Não importa! Mais tarde ou mais cedo triumphará a justiça e toda essa infame corja de exploradores que são os politicos, dará conta dos seus actos aquelles que escandalosamente enganam.

Só desajamamos tenacidade e coragem aos revolucionarios russos! Assim nós as tivéssemos!

DESASTRE

A todo o país chegou já a nova do naufrágio do Borussia, que na terça-feira se submergiu em pleno Tejo, indifferente á comecção de todo o mundo.

Um resultado do progresso, effeito da perfeição. Dantes carregava-se o carvão pelo convéz do navio, o que, sendo extremamente afadigoso e demorado, era insuportavel para os passageiros que, nas poucas horas que os navios se demoram geralmente nos portos, se viam obrigados a estarem mettidos nos camarotes, podendo a custo gosar o panorama da cidade.

Os barcos modernos tinham aberturas, rente á agua, por onde rapidamente se introduzia o carvão, sendo levado sem trabalho para os depositos. Nunca passou pela cabeça de ninguem que um vapor daquelles pudesse submergir-se assim num porto. Parece que não previram a hypóthese dos estoques d'agua. Pois viu-se terça-feira o resultado. A agua entrou em tão grande quantidade e com tamanha força por essas aberturas que deu entrada ao carvão, que, invadindo o porão e a casa das máquinhas, inundou completamente o vapor. De bordo lançaram uma ancora, e esta agarrou-se com tanta força ao leito que tombou o barco para um lado. E foi a sua perda. Em poucas horas

meçamos a desconfiar da sua habilitade.

Que diabo de historia é essa, em que elle anda mettido, da reunião das côrtes em 2 de janeiro?

Eu não percebo. Só ha duas maneiras das côrtes se reunirem em 2 de janeiro. E' o rei convoca-las para esse dia, ou a revolução triumphante. E a revolução triumphante ha de ser como fór. Se triumphar a revolução republicana, é possível que nem assim haja côrtes, pois são numerosos e influentes os republicanos que preferem a dictadura ao parlamento.

Mas supponhamos a melhor hypóthese. E' o rei que convoca as côrtes? E' a revolução triumphante? Se o sr. Julio de Vilhena não tem a certeza de que o rei as convoca, que nephelibaticos nos prepara?

Ai que são todos Bernardinos Machados!

Querem vêr? Está-me a parecer que são todos Bernardinos Machados, e que este paiz termina n'uma verdadeira entrudada.

Safa, que é azar!

ATÉ QUE EMFIM!

Diz-nos um telegramma de Lisboa para um jornal do Porto, que o governo poz á disposição da camara d'esta cidade, 800:000 réis para o concerto de Entre-Pontes.

Será verdade? A ser, de futuro os automoveis passarão com maior garantia e segurança.

O JORNALISMO NA TURQUIA

São tão rapidos os progressos que, entre os turcos, está fazendo o jornalismo, que não vacillamos em facilitar aos nossos leitores os seguintes dados, que claramente o demonstram.

Passam de cem os diarios e folhas semanais que apparecem no Egypto, na Syria, em Constantinopla, em Tunis, em Marrocos, nas Indias, na Nova-York e no Brazil. O paiz em que o amor ao jornal está mais desenvolvido é o Egypto, e entre os redactores d'aquelle imprensa os que mais trabalham e mais se distinguem são os Syrios. Em Constantinopla a vida do jornalismo é muito precaria por causa da censura dictatorial. Nem um só paragraho de critica se consente contra a Administração publica, e muito menos a mais ligeira allusão contra os poderes constituídos. Nas redacções ha sempre muita composição de sobejo, para poder preencher á ultima hora os espaços vazios que ficam nas columnas cortados pelo censor e não se expór ao que muitas vezes succede: a que as columnas sejam em branco. Ignorámos se será certo o que alguns publicistas inglezes e allemães affirmam, ao assegurar que os rigores dos fiscos costumam abrandar-se com certas dadivas, como por exemplo, segundo diz Mr. Serruys, pagando-lhes annualmente um bakchich ou serviço de vinho em metal com o que alguns augmentam mais os seus soldos. O censor alarga então as mangas e deixa passar tudo quanto se refira ao Governo ou á Casa Imperial. Toda a gente se lembra ainda das brilhantes campanhas que fez o popular e sábio escriptor Ahmed Facis el Chidiak no seu jornal Jamab, que desapareceu depois da derrota do Arabi-Bachá.

Modelo de trabalhos jornalísticos foi tambem a collecção do Jenat, publicada em Beyruth ha uns vinte e seis annos e cujo nome tanto se arraigou na opinião que se converteu em typico ou generico para a imprensa Syria, pelo que depois se denominou jenat a todo o jornal que apparecia. Em Beyruth publicou-se tambem com grande acceitação entre a sociedade o Jenan, revista scientifica e politica redigida pelo professor Boutros Bostani. Turcos foram, e de grande importancia, os diarios intitulados Rakad-dam (O Progresso), o Natak (O Exito), a revista Samrat el Fenoun (Fructo das Artes) e o Bachir, que dirigiu em Beyruth o profundo arabista P. Henrique Lammes, da Companhia de Jesus.

Os primeiros jornaes publicados no Cairo, como El Waraa (Os Successos), que ainda se publica e passa por ser o órgão officioso do governo egypcio, datam do tempo do jetif Mohammed Ali-Bachá. Depois, como jornal official da Syria, appareceu em Beyruth o Halicat-el Alabar (Jardim de Noticias); e mais tarde tambem quiz ter seu jornal o governo de Tunis, onde se fundou o Raid el Tunisi, que continúa a publicar-se.

Sem censura propriamente dita, e com uma liberdade quasi analogá á dos paizes democraticos da Europa, vive em mui diversas condições do que na Turquia, a imprensa do Egypto. Alli se vê quão exuberante é a fecundidade dos pensadores e escriptores meridionaes. publicam-se, effectivamente, no Cairo,

Alexandria, Port-Said, Suez e outros pontos até cincoenta jornaes, e raro é o anno em que não apparecem outros tantos. E' verdade que a maior parte dos novos pouco duram, á semilhaça do que succede com os de outras muitas nações; mas alguns ficam, e o numero total dos permanentes augmenta sem cessar.

A imprensa contribuiu muitissimo para modificar o caracter e os costumes d'aquelle povo, d'antes tão atrazado e hoje tão didicido imitador da cultura europea.

Ao penetrarem os jornaes diarios na casa arabe, refractario hontem a toda a communicação com o mundo exterior, difundiram n'elle o gosto da curiosidade e o desejo de conhecer tudo quanto se refere ao paiz e ao povo turco-egypcio, e ao dilatar por este modo os estranhos horizontes em que d'antes se movia a familia, approximou-a do mundo moderno, rompendo com alheias tradições, e realizando uma verdadeira emancipação social. São mais dados aquellos escriptores á litteratura do que á politica, porque a gente arabe tem mais imaginação e sentimento do que raciocinio e firmeza; assim é que, ainda que não houvesse verdadeira liberdade de imprensa como ha e estivesse um tanto restringida, não dariam os jornaes muito que fazer aos fiscos politicos e, em compensação dão abundante noticia de entretenimento aos leitores pouco afeicoados ás coisas publicas.

As numerosas colonias de Turcos que ha em outros paizes rendem culto á sua patria, publicando um diario em Nova York, dois no Brazil, e um, o Turquia el Fatal, em Paris.

Fallecimentos

De idade bastante avançada, falleceu n'esta cidade o pae do nosso amigo sr. José da Costa, intelligente e bemquisto empregado do commercio no Porto, a quem enviamos as nossas condolencias por este successo.

Falleceu ha dias n'esta cidade, o sr. José Nogueira da Costa, que por muitos annos exerceu a industria de padeiro, nome porque era mais conhecido.

A sua familia a expressão da nossa condolencia.

POVO DE AVEIRO

Vende-se nas seguintes localidades:

- LISBOA
Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Americana, ao Chiado. Tabacaria Duarte, rua de S. Paulo 97. Tabacaria Silva, rua D. Carlos I, 102-104. Tabacaria Fillismino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto á drogaria Falcão). Havaneza d'Alcantara, Mercado d'Alcantara n.º 6. Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira, 18. Antonio Fernandes, R. Nova do Almada, 46. Klosque Elegante, Rocio.

- ALCOBAÇA
Antonio Vazão.
COIMBRA
Tabacaria Central, rua Ferreira Borges 27.

Grande catastrophe

Em Lisboa, no Tejo, deu-se na tarde de terça-feira, uma enorme catastrophe que custou a vida a tres passageiros que se encontrava dentro d'um paquete allemão que fazia carreira para os portos do Brazil.

Este paquete tinha chegado n'aquelle dia da sua derrota, tencionando seguir no dia immediato para Leixões. Como precisasse de carvão e agua, abriram-se duas enormes escotilhas por onde se metteu este mantimento. Quando estavam quasi a terminar este serviço, um estoque d'agua muito violento, motivado pelas grandes cheias que tem havido, fez com que o navio sossobrasse inundando-se pelas escotilhas, morrendo por essa occasião 2 portuguezes e 1 russo.

O navio tinha custado mil contos de reis havia 2 annos. Tanto os passageiros como o pessoal de bordo ninguem póde salvar nada dos seus haveres, tal foi de subito a inundação.

desaparecia o barco completamente, salvando-se toda a gente, excepto tres passageiros que até agora ainda não encontraram.

Resultado d'aperfeçoamento imprevidente. Bem diz o ditado: quanto mais depressa mais de vagar!

OS INTRUJOS

Chegou a Lisboa outro jornalista estrangeiro que vem para conhecer a nossa situação politica e dar por sua vez noticias á França. E' redactor do Temps. Os jornaes opposicionistas não lhe tem poupado lamirés. Não-de ser comidos, como das outras vezes! Coitados dos patriotas! Devem estar fufos!...

FATALIDADE

«Meaborg, (Finlandia) 24, m. Voltou-se esta manhã, ao atravessar a balsia, um barco que conduzia 24 operarios que vinham para o trabalho, perecendo afogados 21.»

Sempre a injustiça revoltante! Nunca se virou um barco que conduzisse 24... exploradores! E' preciso que nós o viremos! Pois havemos de virá-lo!

PUBLICAÇÕES

«CONCORDIA INTERNACIONAL»

E' o titulo de um interessante livro que acaba de ser publicado em Paris pelo illustre Presidente do Congresso Permanente da Humanidade, o sr. barão Thomaz de S. Jorge, d'Armstrong com commentarios e detalhes, cartas e mensagens dirigidas ás Potencias pelo mesmo Congresso.

Trata de importantes questões de direito e de facto no dominio nacional e internacional, acerca das quaes o auctor apresenta com soluções notaveis e alto criterio a sua opinião pessoal sem espirito de partido nem azedume, mas com lealdade, franqueza e distincção.

O auctor está preparando um outro livro com o titulo de Solidariedade Internacional, no qual se occupará da Constituição dos Estados Federativos, das questões relativas a Marrocos e conferencias de Haya e Algeciras, das questões de legalidade e de direito, de arbitragens, dos institutos economicos agricolas internacionaes, da supressão dos exercitos permanentes, etc.

JUIZO DE PAZ

EDITAL

Antonio Ferreira Felix Junior, Juiz de Paz n'este Districto de Aveiro, etc.

PARA conhecimento publico, faço saber que as audiencias n'este juizo se fazem todas as 2.ªs e 5.ªs feiras de cada semana, não sendo sanctificados, porque, sendo-o, se fazem nos dias immediatos, pelas 10 horas da manhã, no Tribunal d'este Juizo, installado no edificio da Camara Municipal d'este concelho. Aveiro, 23 d'outubro de 1907.

Eu, Nephtali João dos Reis, escrevo o escrevi.

Antonio Ferreira Felix Junior

TRENS DE ALUGUER

DE LUTHARIO HOMEM CHRISTO

Com cocheira provisoriamente á ponte da Doadadeira, com frente para o lado do eaus, e frente para o Largo dos Santos Martyres. Artigos photographicos, POR PREÇOS MODICOS, Vendem-os Felix, Filhos AVEIRO

**FÁBRICA DOS SANTOS MÁRTYRES**

DE  
**CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.**

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

**ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA  
AVEIRO**

**METHODO JOAO DE DEUS**

**LEITURA**

- Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*—18.ª ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album*, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 55000
- Quadros Parietaes*, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 65000
- Segunda parte—Os Deveres dos Filhos*—1.8ª ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Gula práctico e theórico da Cartilha Maternal*—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 150

**ESCRIPTA**

- Arte de Escripção*—cada caderno, . . . . . 30
- Livros de polémica sobre o Methodo*
- A Cartilha Maternal e o Apostolado*..... 500
- A Cartilha Maternal e a Crítica*..... 500
- Do mesmo auctor:
- LITTERATURA*
- Campo de Flôres*—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed., (esgotado), . . . . . 700
- Prosas*—Coordenadas por Theophilo Braga . . . . . 800

**DEPOSITO GERAL**

**Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA**

*Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906*

**DESCONTOS**

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (à Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

E FERRAGENS  
—DE—

**ANTONIO FERREIRA FELIX,**  
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO

**MATERIAES PARA CONSTRUCCOES**

DE  
**Antonio da Costa Junior**

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás saíbas. Adóbos de parede, muro, mendões, tres quartos, canejas de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

**HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO**

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distracções.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um corretor do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquellos que em Aveiro precisam de alojamentos ou quaesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

**Feltos quasi de graça só na Oficina de alfaiate DO ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO RUA DO GRAVITO**

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

**Cobrança de pequenas dividas**

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remetidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

**POVO DE AVEIRO**  
—DE—  
TYPOGRAPHIA

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de planhas, proprios para obras de luxo. Entregamos-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

**ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA**

—DE—

**Albino Pinto de Miranda**

(LARGO DE MANUEL MARIA)

**AVEIRO**

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.*

**Pechinchas para liquidar:**

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

SANGALHOS

**V**ENDEM e trocam relógios de bolso e de sala. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

**MACHINAS "PFAFF,"**

—E—

**BICYCLETES OSMOND**

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Aguiã), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, anexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

**Aveiro, Largo do Espirito Santo**

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

**JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS**

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

**JOSÉ AUGUSTO REBELLO**

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.